

Ocorre-me agora, ó Rei afortunado e senhor de tão requintadas maneiras, que houve outrora numa das infindas cidades da China, cujo nome esqueci (pois só Alá é omnisciente!), um pobre homem de humilde condição, de seu ofício alfaiate, que teve um filho chamado Aladino. Deu este, desde a mais tenra infância, sinais de ser muito irrequieto e refractário à educação. Chegado ele à idade de dez anos, pensou o pai em lhe inculcar um ofício honroso: mas, pobre como era, e não podendo correr com as despesas do ensino, teve de se resignar a levá-lo consigo para a oficina, no fito de lhe ensinar o seu próprio mister da agulha. Mas Aladino, que era um menino escabreado e amigo de reinar na rua com os garotos do seu sítio, não conseguiu sujeitar-se a passar o dia inteiro na loja. Em lugar de prestar atenção ao trabalho, estava sempre à espera que o pai se ausentasse por motivo de negócios, ou virasse costas para atender a um cliente, e então dava sebo nos calcanhares e corria a juntar-se aos vadios da sua laia, nas ruas, travessas e jardins. Tal era o comportamento deste valdevinos, incapaz de obedecer aos pais ou de aprender a manejar uma agulha! Até que o alfaiate, amargurado, desesperou de o arrancar às más inclinações, e acabou por deixá-lo entregue à libertinagem. Tal e tão grande foi porém o seu desgosto, que adoeceu e morreu. Mas nem assim o rapaz se emendou, longe disso!

Vendo-se desamparada e com um filho que não tinha jeito de ganhar juízo, a triste viúva resolveu vender a loja com todo o recheio, e viver por algum tempo do fruto da venda. Mas não tardou que este se esgotasse, e ela teve de se habituar a fiar a lã e o algodão de dia e de noite, para ganhar o magro sustento seu e do filho vagabundo.

Quanto a Aladino, quando se viu livre do medo do pai, não tendo ninguém que o retivesse, lançou-se de cabeça na malandragem e na perversidade. E deu em passar os dias inteiros fora de casa, onde só voltava à hora das refeições. E a desgraçada da mãe, apesar da desobediência do filho, e do abandono a que este a votava, continuou a sustentá-lo com o produto do seu labor e das suas insónias, e chorando sozinha lágrimas bem amargas. Aladino chegou assim à idade de quinze anos. Tinha-se tornado uma beleza de rapaz, bem feito de corpo e com uns olhos negros e uma tez de jasmim verdadeiramente sedutores.

Ora um dia, estando ele no meio da praça, à entrada dos mercados do bairro, entretido a brincar com os fedelhos e vagabundos da sua espécie, aconteceu passar por ali um dervixe do Mogrebe que se deteve a olhá-los fixamente, e acabou por poisar a vista em Aladino, a observá-lo de bem singular maneira e com uma atenção muito especial, sem mais se ocupar dos outros rapazes. Este dervixe, que vinha lá dos confins do Mogrebe, e dos países do longínquo interior, era um insigne feiticeiro, muito versado na astrologia e na ciência das fisionomias; e capaz, só por força dos seus bruxedos, de fazer andar as mais altas montanhas numa contradança! Ficou-se a contemplar Aladino por muito tempo, pensando de si para consigo: «Ora até que enfim que eu achei o rapaz que me convém!»

Nesta altura da sua narração, Xerazade, vendo romper a aurora, calou-se discretamente.

MAS CHEGADA QUE FOI A
SEPTINGENTÉSIMA DÉCIMA NOITE

continuou:

«Aquele que há tanto tempo eu procuro, e por quem saí de Mogrebe, minha pátria» Aproximou-se discretamente de um dos rapazes, sem porém perder de olho o Aladino, chamou-o de parte sem se fazer notado, e tomou todas as informações a respeito dos pais, do nome e condição do belo moço. Munido destes dados, acercou-se de Aladino com o melhor dos seus sorrisos, e tendo conseguido arrastá-lo para um canto, disse-lhe: «Ó meu menino, não serás tu Aladino, o filho do alfaiate *fulano*?!» E o rapaz respondeu: «Aladino é o meu nome. Quanto ao meu pai, há muito tempo que é morto.» A estas palavras, o dervixe mogrebita atirou-se ao pescoço do rapaz, enlaçou-o e desatou a beijá-lo nas faces e a derramar sentidas lágrimas, num estado de emoção extrema. Aladino, com razão assombrado, perguntou-lhe: «Mas qual é, senhor, a razão por que choras? E donde conheces tu o meu defunto pai?» Ao que o mogrebita respondeu com a voz quebrada de tristeza: «Ah, meu filho, como não derramarei eu lágrimas de dor e de luto, quando sei que és meu sobrinho, e tu acabas de me revelar inesperadamente a morte de meu amado irmão, o teu defunto pai?! Ó filho de meu irmão, saberás que cheguei a este país, tendo deixado a minha pátria para afrontar os perigos de tão longa jornada, unicamente na alegre esperança de tornar a ver teu pai e de me deleitar com ele na felicidade do regresso e da reunião! E eis que tu, ai de mim, me anuncias que é morto!» Parou um instante, sufocado pela emoção, e acrescentou: «Devo dizer-te, aliás, ó filho de meu irmão, que tão logo te avistei, o sangue me deu o rebato do nosso parentesco, e me levou a reconhecer-te sem hesitação no meio de todos os teus camaradas! E embora tu ainda não fosses nascido

na hora em que deixei teu pai, que nem casado era então, não tardei em reconhecer em ti a semelhança das vossas feições. E é isso o que me consola um pouco de o perder. Ah, a maldição me cubra! Onde estás tu agora, ó meu mano, que eu esperava abraçar ao menos uma vez, após tão longa ausência e antes que a morte viesse para todo o sempre separar-nos? Ai, quem é que se pode gabar de impedir que o que é seja? E quem é que pode fugir à sua sorte, ou evitar o que está escrito e prescrito pela mão de Alá, o Altíssimo?...» Passado um instante de silêncio, tornou a apertar Aladino ao peito e disse: «Mas louvado seja Ele, que me nos fez encontrados, sobrinho! Tu vais ser doravante o meu consolo, e tomarás no meu afecto o lugar de teu pai, pois és do seu sangue e descendência; e lá diz o provérbio: *«Quem deixa prole não morre!»*

Então, o mogrebita tirou do cinto dez dinares de ouro, meteu-os na mão do atónito Aladino, e perguntou-lhe: «Dize-me agora, sobrinho, onde mora a tua mãe, esposa do meu defunto irmão?» Aladino, conquistado pela generosidade e o sorriso penhorante do dervixe, conduziu-o pela mão até o extremo da praça, e apontou-lhe o caminho que levava a sua casa: «É para aquelas bandas que eu moro.» E o dervixe vá de lhe dizer: «Éstes dez dinares que te dei, ó meu filho, tu os darás à viúva de meu irmão, acompanhados dos meus respeitos. E lhe anunciarás que teu tio acaba de chegar de jornada, após uma longa estadia no estrangeiro, e que no correr do dia de amanhã, querendo Alá, espera comparecer em pessoa para a saudar, ver o lugar onde o defunto passou a sua vida, e visitar-lhe a sepultura!»

Aladino, impaciente por dar cumprimento ao recado, beijou a mão do dervixe e deitou a correr, todo contente, para chegar a casa a uma hora que, contra os seus hábitos, não era de nenhuma refeição, e assim que entrou pôs-se a berrar: «Ó mãe, o tio chegou do estrangeiro, ao fim de tantos anos, e manda-te cum-

primentos!» A mãe, espantada de tal ouvir, e o ver em casa tão cedo, respondeu: «Não estarás tu a mangar da tua mãe, ó filho? Pois que tio é esse de quem falas? E desde quando é que tu tens um tio vivo, e donde vem ele?» Aladino respondeu: «Como é que tu podes dizer, mãe, que eu não tenho um tio vivo, quando o homem é irmão de meu defunto pai? A prova é que me abraçou e beijou a chorar, e me mandou trazer-te a nova, e informar-te!» Diz assim a mãe: «Que tu tinhas um tio sabia-o eu, mas já lá vão muitos anos que é morto! E que eu saiba, depois disso, tu não tiveste um segundo tio!» E ficou a olhar o rapaz, que já estava a pensar noutra coisa. Naquele dia não tornou a falar no caso ao filho, que pela sua parte calou o pormenor do presente.

Ora, no dia seguinte, logo ao amanhecer, Aladino saiu de casa para se encontrar com o mogrebita, que já o esperava no sítio da véspera, no meio da garotada: o dervixe correu para ele, agarrou-lhe na mão, apertou-o ao peito e beijou-o com ternura: depois tirou dois dinares do cinto, e entregou-lhos com estas palavras: «Vai ter com a tua mãe, dá-lhe estes dois dinares e dize-lhe assim: «Meu tio tenciona vir esta noite cear connosco; manda-te este dinheiro para que tu possas preparar uns pitéus excelentes!» E acrescentou, aproximando a cara da do rapaz: «E agora, Aladino, mostra-me outra vez o caminho da tua casa.» E Aladino: «Por esta cabeça e os olhos da cara, ó meu tio!» E andando adiante dele, mostrou-lhe o caminho de casa. O mogrebita separou-se dele e seguiu ao seu destino.

Nesta altura da sua narração, Xerazade, vendo romper a aurora, calou-se discretamente.